

WHATSAPP MESSENGER COMO RECURSO DE INTERAÇÃO EM CONTEXTOS BILÍNGUES DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LIBRAS

Derijane Lima Barbosa Mota*

Gracy Kelly Amaral Barros**

Renata Castelo Peixoto***

RESUMO

Este estudo é fruto da experiência da atividade de monitoria desenvolvida em 2017.1 na disciplina Estudos Surdos I com a turma de 19 alunos do 2º semestre do curso de Letras Língua Brasileira de Sinais (Libras) da Universidade Federal do Ceará. O objetivo é descrever a experiência das monitoras ao usarem o *Whatsapp* como ferramenta educacional, comprovando que tal ferramenta pode oferecer acesso ao conhecimento em uma turma bilíngue. Apoiando-se na metodologia da Pesquisa-Ação, primeiramente foi criado um ambiente no aplicativo *Whatsapp*, no qual estavam os alunos e as duas monitoras, em seguida, as monitoras estimularam os discentes no grupo virtual a estudarem os textos da disciplina. Os alunos podiam interagir em momentos extraclasse, enviar dúvidas e agendar encontros com as monitoras. Após quatro meses de funcionamento do ambiente no aplicativo, analisou-se as interações vivenciadas. Observou-se que: a) a comunicação foi acessível; b) o feedback era imediato; c) houve incentivo aos ouvintes para sinalizarem e aos surdos a lerem o português; d) fortaleceu-se a empatia das monitoras para com os alunos; e) houve aumento da pró-atividade em organizar os assuntos das disciplinas; f) as interações entre professora, alunos e monitoras foram potencializadas. Refletimos que, o aplicativo tornou o estudo mais produtivo, pois a aprendizagem era desassociada ao horário e local, mais acessível por conta das múltiplas ferramentas que permitiam o discurso em duas línguas, no caso a Libras e o Português, e, portanto, o exercício da tradução. O trabalho de monitoria, seja

* Licencianda em Letras Libras pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

** Licencianda em Letras Libras pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

*** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora adjunta do Departamento de Letras Libras e Estudos Surdos da UFC

de forma presencial ou virtual, contribui para uma formação docente ativa, interativa e acessível.

Palavras-chave: Surdo; Libras; Ferramentas virtuais; Ensino; ambientes bilíngues.

ABSTRACT

This study is a monitoring experience's result developed in 2017.1 in the discipline Deaf Studies I with 19 second semester students of the graduation in Brazilian Sign Language (Libras) of the Universidade Federal do Ceará. The objective is to describe the monitors' experience by using Whatsapp as an educational tool, proving that tool can provide access to knowledge with a bilingual class. The work was applied using the Research-Action methodology. At first, an environment was created in the Whatsapp, in which they were students and the two monitors are inside in. In a second time, the monitors stimulated the students in the virtual group to study the texts of the discipline. Students could interact in extra-class situations, send questions and schedule meetings with the monitors. After four interaction months, we analyzed the interactions experienced. It was observed that: a) accessible communication; b) immediate feedback; c) encouraging the hearing students to sign and the deaf to read Portuguese; d) emerg of empathy feeling of the monitors towards the students; e) increase in students' proactivity in organizing subjects; f) interactions between teachers, students and monitors were enhanced. We considered that the application made the study more productive, because learning was disassociated with local time and place, more accessible because of the multiple tools that allowed the discourse in two languages, in the case: Libras and Portuguese, and therefore, the translation exercise. The monitoring work, either in person or in virtual form, contributes to active and accessible interactive teacher training.

Keywords: Deaf; Libras; Digital tools; Education; Bilingual environments.

Introdução

A educação é uma práxis multifacetada. Fatores sociais, históricos, políticos, linguísticos moldam as abordagens que fundamentam a arte de educar. Segundo Bruner (1973), o processo educativo deve mudar suas perspectivas à medida que as gerações mudam; um exemplo que ilustra esse pensamento é em relação ao ensino dos pronomes da língua portuguesa. O autor Marcos Bagno na sua obra intitulada *A língua de Eulália: Novela Sociolinguística (2006)* problematiza o ensino enfático do pronome *vós* e suas conjugações; a problemática sob o ensino desse pronome sustenta-se na ideia de que tal pronome não é utilizado com tanta veemência nas práticas discursivas dos atuais falantes. O autor brinca ao chamar o pronome *vós* de dinossauro linguístico. Ocupar o precioso tempo da escola ensinando aspectos da língua pouco utilizados revela as dificuldades da Educação em se atualizar quanto a conteúdos ou procedimentos de ensino. Entende-se, entretanto, que a prática pedagógica, no ensino básico ou superior, precisa renovar-se acolhendo as novas demandas que a atualidade traz. Essa rápida reflexão leva-nos a outro tema: Tecnodocência. Explicando sobre as Tecnologias

Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), os autores Lima e Loureira conceituam sobre a docência interligada a essas ferramentas:

Compreende-se que as TDICs podem ser integradas aos demais conhecimentos vinculados à docência nos processos formativos. Desenvolve-se, a partir desse ideário o conceito de Tecnodocência como a sistematização de conhecimentos e seus princípios que se aplicam ao planejamento, à construção e à reflexão sobre as TDICs, vinculadas ao estudo epistemológico da ação integrada de ensinar, aprender e avaliar no contexto teórico e prático da docência. (LIMA e LOUREIRO, 2016, p.2).

Entendendo que a educação é uma prática multifacetada e em constante alteração, cabe a nós (docentes) discutir como os atuais contextos sociais podem promover novas práticas de ensino. A escola é vista pejorativamente em alguns casos como uma bolha que separa os discentes do mundo exterior, criando assim uma dicotomia: o aluno na escola ou na universidade versus o aluno fora desses espaços, porém faz-se necessário quebrar essa visão, pois o aluno deve ser único e as instituições de ensino devem ser ambientes em sintonia com a realidade externa. Usar as TDICs pode contribuir com a consolidação dessa educação mais viva, na medida em que oferecem ferramentas cada vez mais diversificadas para que o sujeito participe ativamente do processo de ensino-aprendizagem, sendo também um construtor do seu conhecimento (MARTINS e LINS, 2015).

De fato, a hodierna sociedade está inserida em uma interatividade cibernética, na qual seus usuários navegam sem prescrições, navegam seguindo seus próprios interesses. Essa ciber interação repercute no processo de ensino-aprendizagem, pois os conteúdos “absorvidos” durante a navegação na grande rede são lembrados em diversos momentos, inclusive na sala de aula sendo relacionados aos conteúdos do currículo escolar. O aluno que vive conectado a grande rede de computadores, a Internet, deseja usufruir e praticar nos variados momentos o que aprendeu navegando. Neste ponto, ressalta-se a importância do corpo docente aproveitar a multiplicidade de informações e recursos que as redes de computadores oferecem, desfazendo o ambiente tradicional e monótono que marca o cotidiano das instituições de ensino.

As novas tecnologias digitais (TDs) estão cada vez mais presentes no ensino, participando das estratégias didáticas. Nesse sentido, a pesquisa realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic)¹ comprovou que de 2015 para 2016 o número de professores que usam a internet do celular em atividades com os alunos cresceu 10%. Essa inserção dá origem não somente a novas maneiras de aprender como também a novas maneiras de ensinar. De fato, os ciberespaços possibilitam uma aprendizagem interativa (ARCOVERDE, 2006), cabendo ao docente abordar tais ferramentas de forma a privilegiar os discursos e os assuntos entrelaçados nesses ambientes. Não estamos nos referindo à disciplina informática, ou ensinar ao aluno a manusear o computador ou outros meios, mas sim discutindo sobre a tecnologia sendo absorvida como didática pelos professores.

¹ <http://cetic.br/noticia/cetic-br-pesquisa-o-uso-de-celular-por-alunos-para-a-realizacao-de-atividades-escolares/>.

Refletindo quanto ao impulso inovador que as tecnologias proporcionam o presente trabalho, fruto da experiência de monitoria do Programa de Iniciação à Docência (PID) vinculado ao Departamento de Letras Libras e Estudos Surdos, vem apresentar resultados da prática tecnodocente no meio acadêmico.

Caracterizando rapidamente o programa. O PID em sua nova reestruturação passa a ter como foco principal a qualidade do ensino no nível superior (DIAS, 2007), oferecendo aos universitários a possibilidade de acompanhamentos individuais (mas não somente) para auxiliar no nivelamento dos estudos e na superação de certas dificuldades, porém vale destacar que o exercício de monitoria vai além de um *help desk*. Os programas de monitoria oferecem oportunidades aos alunos-monitores de exercerem e desenvolverem, enquanto acadêmicos, experiências inovadoras durante sua formação docente.

Este trabalho foi realizado por duas universitárias da licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Ceará, que através de um processo seletivo conquistaram as vagas remuneradas no PID. Com o objetivo de auxiliar os alunos matriculados nas disciplinas do eixo Fundamentos da Educação de Surdos e intencionando complementarem suas formações acadêmicas com a prática de iniciação à docência, as alunas-monitoras assumiram a responsabilidade de trabalhar em uma disciplina do eixo supramencionado, Estudos Surdos I.

Levando em consideração a reflexão antes realizada sobre a Educação e seus agentes, considerou-se para o trabalho de monitoria que ela é como um camaleão, que se adapta aos ambientes, e as TDs fomentam as mudanças no espaço de convivência acadêmica. Nesse sentido, o trabalho de monitoria desenvolvido no semestre 2017.1 durante a disciplina Estudos Surdos I da graduação em Letras Libras tentou propor novas maneiras de aprender e ensinar. No presente estudo vamos refletir sobre essa monitoria universitária em consonância com uma nova ferramenta digital, *Whatsapp Messenger*.

1. Contextualizando o trabalho

A licenciatura em Letras Libras, segundo o atual Projeto Pedagógico Curricular do curso, é também uma ação para apoiar e atender as necessidades que o processo de inclusão traz à sociedade e a universidade. Uma das características que difere o curso de Letras Libras dos demais cursos de Letras é a heterogeneidade cultural que há no processo de formação dos universitários, pois alunos surdos sujeitos cuja língua em estudo é natural e alunos ouvintes cuja língua natural é a segunda dos colegas surdos encontram-se na sala de aula.

Segundo Novelli (1997), a sala de aula é um espaço socialmente conquistado, portanto, há uma luta de poderes entre os alunos e professores, entre alunos e alunos, entre professores e professores. No espaço acadêmico há uma grande diversidade de ideologias e de formas de pensar e compreender a realidade. Os discentes surdos e ouvintes valorizam o capital cultural², que, por sua vez, ganha mais visibilidade e força

² "Se caracteriza como uma herança puramente social constituída por um conjunto de conhecimentos, informações, códigos linguísticos e, também, por atitudes e posturas [...]" (ALBRES, 2016, p.56).

nos espaços acadêmicos e no ensino básico. O povo surdo em seu caminhar histórico enfrentou diversas divergências ideológicas, não é a toa que o reconhecimento da língua no Brasil ocorreu somente no início do século XXI, por esse motivo, a luta para manter o status do sujeito surdo é preservada mesmo em uma sala de aula que “configura-se” bilíngue.

Para Lane (1992), diferentes culturas têm diferentes normas reguladoras. Surdos e ouvintes possuem culturas originárias distintas, tendo assim hábitos enraizados em seus artefatos, no entanto, para manter a luta por igualdade linguística, o curso de Letras Libras conta com professores surdos e ouvintes sinalizantes e participantes da comunidade surda. As disciplinas são lecionadas em Libras e apesar da maioria dos textos básicos para os estudos serem em língua portuguesa, há a tradução ou estratégias de acompanhamento bilíngue. A monitoria no curso entra nesse cenário com o papel de criar estratégias para auxiliar no acompanhamento dos alunos ao longo dos estudos sobre os textos, especialmente contribuindo na transição entre as línguas. O papel das monitoras não é a tradução ou interpretação dos textos, mas a mediação bilíngue tornando os textos mais acessíveis.

Em relação ao grupo virtual, para incentivar os alunos a estudarem os textos obrigatórios, as monitoras lançavam perguntas e materiais extracurriculares para a turma que, ajudavam a complementar a aprendizagem e desenvolverem o senso reflexivo dos alunos. Um dos materiais compartilhados para os estudos foram charges. Segundo Pessoa (2011, p. 2), “a charge possui nesse contexto uma leitura opinativa, com humor e com efeito de compreensão que difere do entretenimento.” Portanto, para compreender uma charge o aluno é convidado a refletir para além do plano escrito, isto é, para além do mundo verbal ou não verbal que a charge apresenta, é necessário entender a contextualização e fazer analogias com as experiências próprias, pois esse gênero textual pode ser usado como estratégia educacional pelo professor podendo ter como objetivo fazer o aluno refletir de forma diferente sobre algo já estudado ou que ainda estudará.

Em alguns momentos os alunos recorriam às monitoras a fim de solicitar pequenas traduções para melhor compreender as palavras do autor, nestes casos: a) houve momentos em que pequenas traduções eram realizadas pelas monitoras; b) os próprios alunos eram incentivados a traduzirem o texto, mesmo sentindo dificuldades e receio em produzir português sinalizado. Encontrar sinônimos, escrever os sinais em Escrita de Sinais; desenhar o sinal; marcar palavras chaves; são exemplos de estratégias que os alunos e as monitoras utilizavam para facilitar a comunicação neste contexto bilíngue e usufruir das duas línguas de forma a preservar as respectivas gramáticas.

O cenário bilíngue e de constante luta por igualdade que era encontrado nas salas de aulas também estava presente nos momentos extraclasse. Para a realização de seminários e outras atividades coletivas ora havia divisão de surdos e ouvintes, ora havia organização de grupos mesclados, porém para a disciplina Estudos Surdos I (alvo deste trabalho), os grupos foram separados levando em consideração a língua natural, grupos de ouvintes e grupos de Surdos.³

³Os próprios alunos optavam por essa divisão, pois em grupos mistos, os relatórios das atividades deveriam ser feito em Libras e registrados em vídeo. Como esta disciplina é ofertada no 2º semestre do curso, a maioria dos alunos ouvintes ainda não é suficientemente fluente em Libras para produzir um relatório nesta língua.

Neste contexto multicultural e bilíngue, o trabalho de monitoria torna-se uma desafio de inversão de mundos ao mesmo tempo que de intercessão de mundos. Ora era necessário privilegiar a Cultura Surda convertendo o mundo dos sons, natural às duas monitoras (ouvintes) para o mundo da comunicação via mãos; ora era necessário equilibrar os dois mundos mantendo uma intercessão cultural, interagindo tanto com alunos surdos quanto com alunos ouvintes que praticam também essa pluralidade cultural.

2. Metodologia

O presente estudo de caráter qualitativo utiliza como metodologia a Pesquisa-Ação.

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos [...]. (TRIPP, 2005, p.445).

Partindo da problemática sobre a interação entre monitoras e alunos, iniciamos uma reflexão acerca das estratégias que poderiam ser adotadas para melhorar o processo de estudo junto aos alunos monitorados. Após o reconhecimento da problemática, seguindo a ideia da Pesquisa-Ação, o presente estudo desenvolveu-se em três etapas como propõe a teorização de Tripp (2005) sobre essa abordagem metodológica.

O primeiro momento consistiu no *planejamento*. Foi criado um ambiente de estudos no aplicativo *Whatsapp Messenger*, no qual participaram os alunos da turma e as alunas-monitoras. O ambiente visava estimular os estudos e interações entre os discentes. A interação através do ciberespaço foi exclusivamente para os fins da disciplina.

Durante o semestre, especificamente de março a junho de 2017, realizou-se a segunda etapa da pesquisa denominada por Tripp de *implementação*. A implementação consiste nas mudanças processuais partindo das necessidades levantadas durante a etapa anterior, no nosso caso foi a implantação de mudanças didáticas necessárias, seguindo as circunstâncias do grupo de estudo. À medida que o conteúdo programático da disciplina era concretizado através de reflexões dos textos e das aulas presenciais com a professora da disciplina, as monitoras percebiam as estratégias que não mobilizaram os alunos ou que não alcançavam os resultados esperados a fim de melhor adaptar o curso do trabalho.

Após quatro meses de interação no grupo virtual, além de encontros presenciais previamente agendados pelo ciberespaço, realizaram-se pesquisas bibliográficas para fundamentar a terceira etapa da Pesquisa-Ação: a *avaliação*. Utilizou-se como embasamento teórico Bouhnik; Deshen (2014); Natário; Santos (2010).

As categorias propostas para análises: a) comunicação; b) acessibilidade; c) relação aluno-monitor e aluno-monitorado; d) relação entre os alunos monitorados. A reflexão e a análise organizadas em torno dessas categorias foram realizadas a partir dos dados coletados nas mensagens de texto, nas mensagens em vídeo Libras, nas imagens e links postados no grupo durante os quatro meses. Destacamos que a divulgação dos dados aqui apresentados foi autorizada por meio de um termo de consentimento livre e

esclarecido de participação em pesquisa, as autoras redigiram e solicitaram a assinatura dos alunos colaboradores.

3. Resultados

Gil (2002) salienta que a aprendizagem no ensino superior acontece mediante as interações sociais entre os discentes, docentes e os demais agentes. No entanto, o meio acadêmico assim como os demais ambientes de ensino é heterogêneo quanto à procedência, a realidade socioeconômica e cultural, a idade e ocupação dos estudantes. Existem estudantes que trabalham, lideram famílias, participam de outras formações, e que por isso têm dificuldades para acessar e participar das interações esperadas - complementares ao momento da aula - em um curso presencial. As interações que são ferramentas propulsoras da formação acadêmica acabam limitando-se aos momentos das aulas e eventualmente aos encontros para realizar algum estudo complementar.

Refletindo sobre o valor das relações entre os agentes da educação, problematizamos o andamento do trabalho de monitoria no PID. Como possibilitar um diálogo contínuo? Como atender aos alunos em diferentes horários e locais? E os alunos que não têm disponibilidade no horário estabelecido para a monitoria? Como ampliar os estudos dos temas trabalhados em aula? A partir de tais questionamentos, tivemos a preocupação em construir um ciberespaço no qual fossem acessíveis a diferentes discursos e maneiras de discursar, possibilitando um atendimento igualitário para todos os alunos e oportunidade de interação mais flexível e dinâmica entre os estudantes e as monitoras.

É preciso lembrar ainda que a licenciatura em Letras Libras é cursada por alunos surdos cuja língua natural é a Libras, e também por alunos ouvintes cuja língua natural é o Português. A relação entre os surdos e a língua portuguesa é conflitante devido às experiências negativas que viveram junto à família, a escola e a sociedade de uma forma geral decorrentes da forte influência da visão audista⁴ (LANE, 1992).

Historicamente, o Português tem sido apresentado aos surdos de maneira opressiva, muitas vezes desconsiderando a relação não sonora que esses indivíduos têm com a língua. Além disso, a língua de sinais, 1ª língua da comunidade surda, tem sido marginalizada, secundarizada nos contextos de ensino e apresentada como língua de menor status, potencializando assim a relação de disputa entre as línguas na vida dos usuários surdos (PEIXOTO, 2015).

A princípio, lidar com essas diferenças linguísticas e particularidades de cada um dos grupos (surdos e ouvintes) não intimidaram a proposta de trabalho, pois como explicado anteriormente as TDs proporcionam novas maneiras de aprender e ensinar. No entanto, para efetivar a sonhada interação bilíngue as monitoras tiveram que resgatar, ao longo dos quatro meses, as discussões acadêmicas vivenciadas nos semestres passados para enfim conseguirem manter as duas culturas em diálogo. De fato, o trabalho de monitoria possibilita reviver conteúdos, pois o monitor deve ser aquele que auxilia de modo significativo no aprendizado dos outros alunos e para tanto

⁴ “O audismo é a instituição corporativa para lidar com os surdos, fazendo declarações sobre eles aprovando opiniões sobre eles, descrevendo-os, dando lições sobre eles, orientando o local em que frequentam as aulas, e em muitos casos, onde moram. em suma o audismo é a forma de cominação dos ouvintes, reestruturando e exercendo a autoridade sobre a comunidade surda.” (LANE, 1992, p.52) Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.66-78, 2018.

é necessário uma formação contínua a fim de estar seguro para oferecer um suporte aos monitorados (LAMEIRA;TREVISAN, 2014).

Durante os meses de interação utilizou-se o português digitado e vídeos em Libras, tanto pelos Surdos quanto pelos ouvintes. Interessante abordar que, como medida de *implementação* (TRIP, 2005) desse trabalho, as monitoras sugeriram que os alunos ouvintes que não entendessem a sinalização solicitassem de forma privada ou pública, se fosse de preferência, a tradução oral como percebemos na Figura 1. Durante os debates no grupo o envio e recebimento de áudios eram nulos. Os alunos ouvintes em sua maioria desconheciam a língua de sinais antes de ingressar na universidade e por cursarem o segundo semestre, o nível de fluência da maioria ainda era básico.

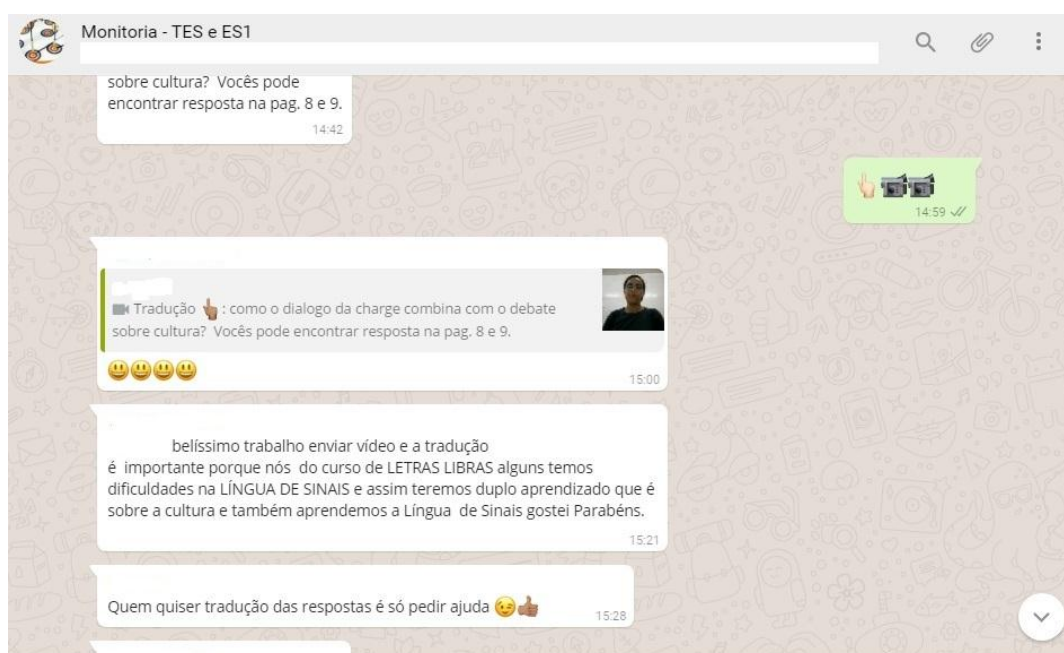


Figura 1

Destaca-se que para manter um enfoque visual, tendo em vista que os alunos Surdos são sujeitos visuais (STROBEL, 2008), os usuários tendiam a utilizar emoticons ou ícones de sinalização. Os ícones de sinalização e emoticons eram estratégias usadas para suavizar o texto em português quando ele era muito extenso.

A disciplina Estudos Surdos I apresentava em seu programa cinco textos⁵ obrigatórios em língua portuguesa, sendo que dois contariam para a primeira avaliação teórica, os demais estavam ligados à atividade prática que foi a segunda avaliação. A atividade prática da disciplina consistiu na criação de materiais didáticos para o ensino da cultura Surda, esses materiais foram apresentados na *I Feira de Artefatos Didáticos*

⁵ Alguns desses textos contavam com a tradução para a Libras não escrita feita pelos profissionais tradutores intérpretes da UFC. Essa é uma prática comum no curso e objetiva deixar os textos escritos mais acessíveis ao aluno surdos que se relacionam com esse material numa perspectiva de segunda língua Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.66-78, 2018.

para o Ensino de Libras. O Whatsapp Messenger foi uma ferramenta de apoio tanto para o primeiro período da disciplina quanto para o segundo, porém de fato, as interações foram mais intensas quando o foco de estudo era a prova.

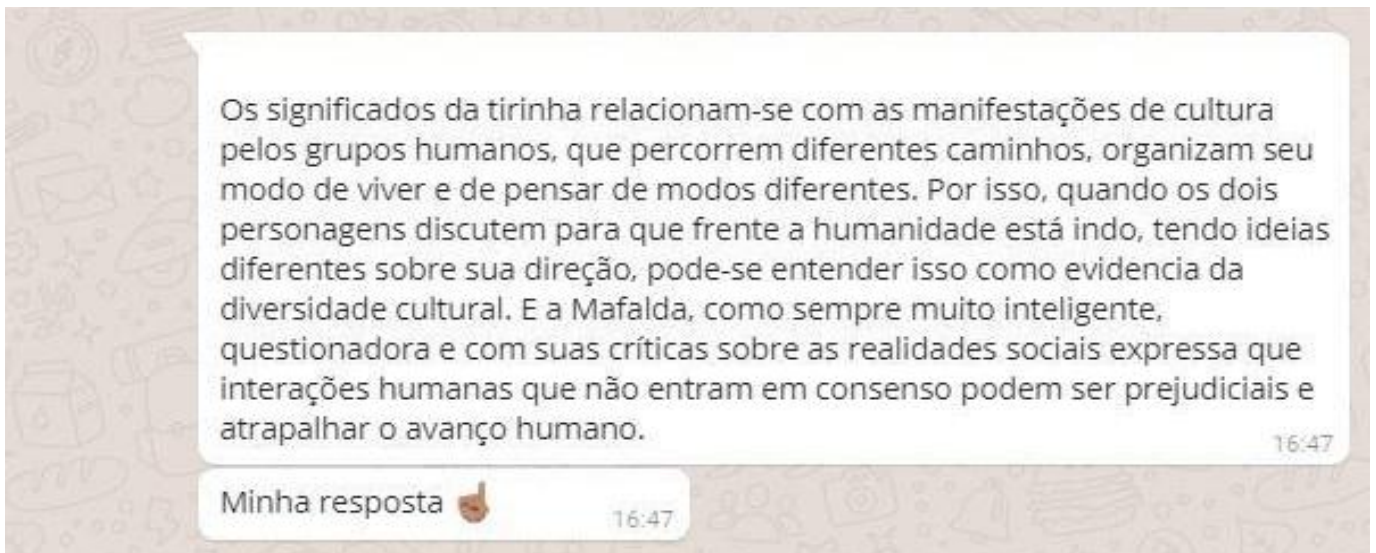
Percebeu-se que ao trabalhar com o gênero charges, como mostra o exemplo da Figura 2, os alunos surdos sentiam mais dificuldades em relacioná-la criticamente aos assuntos pautados nos textos estudados, diferentemente dos alunos ouvintes que mostravam se beneficiar do apoio recebido pela charge (figura 3 – resposta de um aluno ouvinte à charge posta em discussão no grupo). Entendemos que essa dificuldade tem múltiplas razões, dentre elas podemos apontar a questão da charge ser apresentada na língua portuguesa, como também a dificuldade de compreensão dos textos estudados, ou a dificuldade em organizar uma reflexão sobre temas paralelos, tendo em vista que o trabalho com as charges eram por meio de analogias. Esse resultado encontrado reafirma a existência de diferentes desempenhos linguísticos que dependem do gênero discursivo (PEIXOTO, 2015).

Figura 2



Fonte: <http://raizadas.blogspot.com.br/2011/09/mafalda-completa-47-anos.html>. Acessado em 27 de marc de 2018.

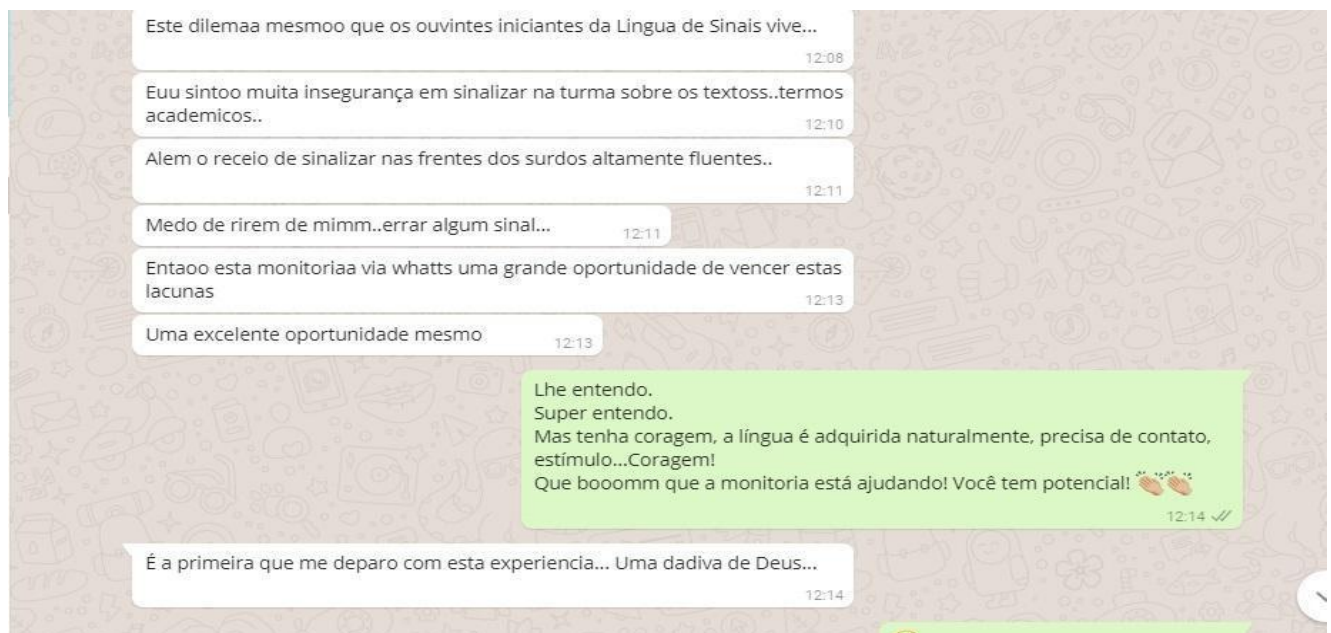
Figura 3



Fonte: Whatsapp Messenger

As interações entre os alunos surdos e ouvintes eram pouquíssimas; acredita-se que o medo de sinalizar em Libras por parte dos ouvintes prejudicou essa relação. Com o fim do primeiro período, uma aluna ouvinte enviou uma mensagem (Figura 4), em privado, afirmando que de fato os estudos nos grupos virtuais a incentivou sinalizar mais e a estudar independente do momento, assim ajudando-a na avaliação.

Figura 4



Fonte: Whatsapp Messenger

Em relação ao convívio dos alunos monitorados e alunas monitoras, a ferramenta digital proporcionou também que os alunos reconhecessem as dificuldades e

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.66-78, 2018.

anseios dos demais envolvidos no trabalho. As monitoras também puderam identificar melhor os sentimentos, dificuldades e anseios do grupo e transmiti-los a professora, contribuindo assim também para a qualidade das interações entre alunos e professora em sala de aula. Às vésperas da prova e da feira de artefatos didáticos, alguns alunos evidenciaram no grupo a preocupação com as avaliações e recebiam o apoio tanto das monitoras quanto dos demais alunos. Segundo Santos e Natário (2010), o monitor consegue apresentar mais sensibilidade aos problemas e sentimentos que o aluno pode enfrentar em diversas situações, por isso passar pela experiência de ser monitor dará ao futuro docente a visão de como poderá ser suas práticas de ensino.

Conclusão

Com base nos dados obtidos, observou-se que alguns alunos monitorados aprimoraram seus conhecimentos, mediante os estudos na ferramenta *Whatsapp*. Alguns alunos participaram menos nas discussões, devido a pouca disponibilidade de tempo, pois apesar da ferramenta possibilitar uma aprendizagem flexível quanto a espaço e tempo, as discussões exigiam reflexão dos alunos em momentos extraclases. Apesar da ferramenta digital facilitar a comunicação, temos em vista que para as discussões serem acessíveis era necessário enviar vídeos em Libras e essa ação demandava tempo. O tempo para organizar as ideias de, por exemplo, uma atividade, gravar e editar o vídeo resposta, fazer o upload, download, de fato dificultaram uma conversação mais rápida.

Os alunos ouvintes foram desafiados, assim como nós (monitoras), a manter o grupo acessível. O português escrito como segunda língua foi um recurso de acessibilidade utilizado pelas monitoras, no entanto, observou-se que poucos estudantes ouvintes utilizavam essa mesma estratégia. Percebeu-se que apesar do ambiente ter sido construído para fins educacional, bilíngue e inclusivo, os alunos ouvintes solicitavam conversas particulares com as monitoras, ora para tirar dúvidas sobre as programações da disciplina, ora para pedir ajuda sobre alguma atividade. Os alunos surdos também recorriam a conversas particulares, especificamente para sanar dúvidas sobre atividades individuais; de fato, as solicitações de interação (principalmente no primeiro período) partia mais dos surdos do que dos ouvintes. A partir disso, concluímos que estudos no aplicativo *Whatsapp* desafiam os sujeitos a pensarem e agirem de forma inclusiva independente do momento. A ideia de ser inclusivo e bilíngue somente em sala de aula foi impactada.

Referências Bibliográficas

ALBRES, Neiva de Aquino. **Ensino de Libras: aspectos históricos e sociais para a formação didática de professores**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2016.

ARCOVERDE, R.D.L. Tecnologias digitais: novo espaço interativo na produção escrita dos surdos. **Cad. Cedes**, Campinas, vol.26, n 69, p. 251-267, maio/ago, 2006. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acessado em: 17 de agosto de 2017.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo, 15º ed, 2006.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981

BOUHNİK, D., & DESHEN, M. (2014). WhatsApp goes to school: Mobile instant messaging between teachers and students. **Journal of Information Technology Education: Research**, 13, 217-231. Disponível em: <<http://www.jite.org/documents/Vol13/JITEv13ResearchP217-231Bouhnik0601.pdf>>. Acessado em: 02 de agosto de 2017.

BRUNER, Jerome S. **Uma nova teoria de aprendizagem**. Cambridge, Massachusetts, 2º ed, 1973.

CAMPOLI, Clara. Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic). **Portal de Notícias G1**. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/52-das-instituicoes-de-educacao-basica-usam-celular-em-atividades-escolares-aponta-estudo-da-cetic.ghtml>. Acessado em: 23 de março de 2018.

DIAS, A. M. I. A monitoria como elemento de iniciação à docência: idéias para uma reflexão. In: Santos, M. M. dos; Lins, N. M. (org.) **A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias**. Coleção pedagógica n.9, 2007.

GIL, A. M. V. P. A aprendizagem no ensino superior. In: **Revista Universidade de Guarulhos**. Guarulhos, v. 7, n. 2, p. 20-22, 2002.

JUNIOR, J.B. B, & ALBUQUERQUE, O.C.P. Possibilidades para o uso do whatsapp na educação: análise de casos e estratégias pedagógicas. In: **Anais do I Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação**. p: 315- 332, 2016.

LAMEIRA, Fernanda Rosatto; TREVISAN, Tatiana Valéria. A monitoria e sua importância no meio acadêmico. In: **Anais da 7ª Jornada Acadêmica do curso de Educação Física da FAMES**. V.7, 2014. Disponível em: <http://fames.edu.br/jornada-academica-educacao-fisica-da-fames/anais/7a-jornada/fernanda-lameira-monitoria-fames.pdf>. Acessado em: 23 de março de 2018.

LANE. Harlan. **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LIMA, Luciana; LOUREIRO, Robson. A aprendizagem significativa do conceito Tecnodocência: integração entre docência e tecnologias digitais. In: **Revista Novas Tecnologias na Educação**. UFRGS, v.14, n.1, 2016

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.4, n.7, p.66-78, 2018.

MARTINS, Livia Maria Ninci; LINS, Heloísa Andreia de Matos. Tecnologia e Educação de Surdos: Possibilidades de Intervenção. In: **Revista Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente-SP, v. 26, n. 2, p. 188-206, maio/ago. 2015. Acessado em 27 de março de 2018.

NATÁRIO, E.G & SANTOS, A.A.A. Programa de monitores para o ensino superior. In: **Revista Estudos de Psicologia**. Campinas, julho/set, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/07.pdf>>. Acessado em: 03 de agosto de 2017.

NOVELI, P. A sala de aula como espaço de comunicação: reflexões em torno do tema. In: **Interface — Comunicação, Saúde, Educação**. V.1, n.1, 1997. Texto apresentado em mesa-redonda sobre Comunicação, organizada pelas disciplinas de Pedagogia Médica e Didática Especial dos Cursos de Pós-graduação da Faculdade de Medicina da UNESP, campus de Botucatu, em setembro de 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/03.pdf>. Acessado em: 23 de março de 2018.

PEIXOTO, Renata Castelo. **Ensino de português para surdos em contextos bilíngues**: análise de práticas e estratégias de professoras ouvintes nos anos iniciais do ensino fundamental . 2016. 284f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.repositoriobib.ufc.br/000034/00003433.pdf>>. Acessado em: 26 de março de 2018.

PEREIRA, M.C, & SILVA, T.M. O uso da tecnologia na educação na era digital. In: **Revista Saberes em Rede CEFAPRO**. Cuiabá/MT, jul/dez, 2013.

PESSOA, Alberto Ricardo. Charge como estratégia complementar de ensino. In: **Revista Temática**. Ano VII, n. 03, 2011. Disponível em: http://www.insite.pro.br/2011/Mar%C3%A7o/charge_estrategia_ensino.pdf. Acessado em: 26 de fev de 2018.

Projeto Pedagógico Curricular do Curso Licenciatura em Letras Libras. Disponível em: https://si3.ufc.br/sigaa/public/curso/ppp.jsf?lc=pt_BR&id=1371493. 2016. Acessado em: 25 de fev de 2018.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v 31, n 3, p.443-466, set/dez, 2005.